

DIÁRIO DA MANHÃ: A TRAJETÓRIA DE JOSUÉ MONTELLO NO SISTEMA LITERÁRIO BRASILEIRO DO SÉCULO XX

Crystyane Bispo Vieira Peixoto

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – PPGHCA, Universidade do Grande Rio – Afya UNIGRANRIO, Duque de Caxias, Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: crystyanevieirapeixoto@gmail.com

Anna Paula Soares Lemos

Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes — PPGHCA, Universidade do Grande Rio – Afya UNIGRANRIO, Duque de Caxias, Rio de Janeiro, Brasil. (orientadora)

E-mail: anna.lemos@afya.com.br

RESUMO

Este estudo analisa a trajetória do escritor maranhense Josué Montello (1917-2006) no sistema literário brasileiro do século XX a partir da leitura de *Diário da Manhã*, obra que reúne registros escritos entre 1952 e 1957, período que antecede e sucede seu ingresso na Academia Brasileira de Letras. O objetivo é compreender como o autor registra sua relação com instituições culturais, crítica literária, circulação de suas obras e processos de reconhecimento e legitimação no campo literário brasileiro. Trata-se de pesquisa qualitativa, de caráter documental, fundamentada na análise do diário e na perspectiva de Antonio Candido acerca da literatura como sistema, constituído pela articulação entre autor, obra, público e mecanismos de transmissão e circulação. A análise evidencia que Montello possuía consciência de sua posição no campo literário e da necessidade de estabelecer relações com instituições e agentes responsáveis pela legitimação da produção intelectual. A Academia Brasileira de Letras, a imprensa, a Biblioteca Nacional, o Serviço Nacional de Teatro e as relações estabelecidas com escritores e críticos aparecem como elementos importantes para compreender sua inserção no sistema literário. Os resultados indicam que a trajetória de Montello não pode ser compreendida exclusivamente pela extensão de sua produção literária, mas pela rede institucional e intelectual que contribuiu para sua circulação e reconhecimento. Ao mesmo tempo, identifica-se um aparente descompasso entre sua expressiva consagração institucional ao longo do século XX e sua discreta presença na circulação literária contemporânea, questão que aponta para novas possibilidades de investigação.

Palavras-chave: Josué Montello; literatura brasileira; diário; sistema literário; instituições culturais.

1 INTRODUÇÃO

Josué de Souza Montello (1917-2006) foi escritor, jornalista, professor e diplomata maranhense cuja trajetória esteve vinculada a diferentes instituições culturais brasileiras e estrangeiras. Nascido no Maranhão, mudou-se para o Rio de Janeiro em 1936, onde desenvolveu intensa atividade intelectual em jornais, revistas e instituições culturais. Ao longo de sua carreira, ocupou posições de destaque como diretor-geral da Biblioteca

Nacional e do Serviço Nacional de Teatro, presidente do Conselho Federal de Cultura e da Academia Brasileira de Letras, além de ter atuado como embaixador do Brasil junto à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).¹

Sua produção reúne mais de 160 obras, entre romances, crônicas, ensaios, discursos e memórias, constituindo um conjunto diversificado de gêneros literários.¹ Entre suas obras memorialísticas encontram-se seis diários, escritos cronologicamente entre 1952 e 1995, nos quais o autor registra acontecimentos de sua vida pessoal, intelectual, diplomática e literária. O diário constitui, portanto, importante documento para a compreensão não apenas de sua trajetória individual, mas também das relações estabelecidas entre escritores, instituições, crítica e público no contexto literário brasileiro do século XX.

Este estudo concentra-se em *Diário da Manhã*, publicado em 1984 e composto por registros referentes ao período de 1952 a 1957. Trata-se de um momento particularmente significativo da trajetória de Montello, marcado por sua atuação em instituições culturais e pelo ingresso na Academia Brasileira de Letras, em 1954.

Parte-se da seguinte questão: como Josué Montello registra, em *Diário da Manhã*, sua relação com as instituições culturais, a crítica literária e os mecanismos de circulação e legitimação de sua obra, e o que esses registros revelam sobre sua inserção no sistema literário brasileiro do século XX?

O objetivo é analisar como o diário evidencia a percepção do próprio escritor acerca de sua participação no sistema literário brasileiro, considerando particularmente as relações entre autor, obra, público, crítica e instituições culturais.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter documental, desenvolvida a partir da análise de *Diário da Manhã*, de Josué Montello. O corpus é constituído pelos registros do período de 1952 a 1957, selecionados em razão de sua relevância para a compreensão da trajetória literária e institucional do escritor.

A análise documental foi orientada pelo conceito de literatura como sistema desenvolvido por Antonio Candido, segundo o qual a constituição de uma tradição literária envolve a articulação entre produtores, obras, receptores e mecanismos de transmissão e circulação.² Nessa perspectiva, a obra literária não é analisada isoladamente, mas como parte de uma estrutura de relações sociais, culturais e institucionais.

Foram selecionados, no diário, fragmentos relacionados a quatro dimensões principais: a) percepção do autor sobre o próprio ofício e sua posição no campo literário; b) produção e recepção de suas obras; c) relações com escritores e críticos; e d) participação em instituições culturais, especialmente a Academia Brasileira de Letras.

A análise também considera aspectos do contexto histórico e literário brasileiro no qual os registros foram produzidos, particularmente as transformações políticas e culturais da década de 1950. A interpretação dos dados articula os registros autobiográficos de

Montello à perspectiva de Candido acerca da formação da tradição literária, buscando compreender os processos de circulação, reconhecimento e legitimação envolvidos em sua trajetória.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A leitura de *Diário da Manhã* evidencia que Josué Montello possuía consciência bastante definida de sua condição de escritor e do lugar que pretendia ocupar na literatura brasileira. Em diferentes passagens, manifesta preocupação com a permanência de sua obra e com a construção de uma trajetória capaz de ultrapassar seu próprio tempo. Em um dos registros, afirma que o escritor deve escrever com uma “intenção de eternidade”.³

Essa perspectiva pode ser relacionada ao conceito de literatura como sistema proposto por Antonio Candido. Para o autor, a literatura constitui um sistema articulado de produtores, obras, receptores e mecanismos de transmissão, responsável pela formação de uma tradição.² Assim, a permanência de uma obra literária não depende exclusivamente de suas características estéticas, mas também de sua inserção em redes de circulação, recepção e legitimação.

Nesse sentido, a trajetória de Montello permite observar a articulação entre os diferentes elementos que constituem o sistema literário. Sua extensa produção representa o componente relacionado à obra; sua consciência do ofício literário evidencia a dimensão do autor; enquanto sua preocupação com a recepção e com a necessidade de estabelecer diálogo com seu tempo revela a dimensão do público.

O próprio Montello demonstra compreender essa relação ao afirmar que o escritor encontra seu público quando consegue interpretar as angústias e aspirações de sua geração.³ Essa percepção aproxima sua reflexão pessoal da concepção de Candido sobre a literatura como fenômeno de comunicação social.²

Outro aspecto relevante identificado na análise é a posição de Montello diante das questões políticas de seu tempo. Em registros de 1953, o escritor manifesta resistência ao engajamento partidário, defendendo a autonomia intelectual e a liberdade de expressão.³ Tal posicionamento é significativo quando considerado o contexto político brasileiro da década de 1950, marcado por tensões sociais, econômicas e políticas.

Ao mesmo tempo, a análise sugere que essa posição pode ter produzido efeitos sobre a relação entre sua produção literária e o público. Diferentemente de escritores cuja produção esteve fortemente associada ao engajamento sociopolítico característico de parte da literatura brasileira do período, Montello apresenta, em seu diário, uma defesa explícita da independência do escritor.

Essa dimensão se torna ainda mais relevante quando considerada a perspectiva de Alfredo Bosi sobre a literatura brasileira do período. Para o autor, a segunda fase do modernismo brasileiro esteve marcada, entre outros aspectos, pela atenção ao contexto social e político e à realidade nacional.⁴ Montello, embora pertencente à geração de escritores situada

nesse contexto, parece construir uma trajetória particular, marcada pela atuação institucional e pela defesa da autonomia intelectual.

A análise evidencia, contudo, que as instituições culturais desempenharam papel fundamental em sua trajetória. A Academia Brasileira de Letras ocupa posição privilegiada nos registros de *Diário da Manhã*. Antes mesmo de ingressar na instituição, Montello já havia recebido reconhecimento por sua produção. Em 1953, três de seus livros foram laureados pela Academia: *Escola de Saudade*, *Histórias da Vida Literária* e *Labirinto de Espelhos*.³ O romance *Labirinto de Espelhos* recebeu parecer favorável de Alceu Amoroso Lima, com aprovação unânime.

O ingresso na Academia Brasileira de Letras, ocorrido em 1954, representa, nesse contexto, importante marco de legitimação institucional. Montello reconhece no próprio diário que a Academia não produz a literatura nem assegura, por si só, a glória de um escritor, mas atribui à instituição uma função de proteção e reconhecimento social.³

A importância da ABL deve ser compreendida em conjunto com outras posições ocupadas pelo escritor. Sua atuação como diretor da Biblioteca Nacional e do Serviço Nacional de Teatro, sua colaboração em jornais e revistas e suas atividades diplomáticas ampliaram os espaços de circulação de sua produção.

Desse modo, a trajetória de Montello evidencia que a inserção no sistema literário ocorre por meio de uma rede complexa de relações. O escritor não apenas produz obras, mas participa de instituições, estabelece relações com críticos, circula na imprensa e ocupa posições de prestígio que interferem na recepção de sua produção.

Essa dimensão pode ser observada também nas referências feitas a críticos e escritores em *Diário da Manhã*. Montello registra, por exemplo, a recepção positiva de Otto Maria Carpeaux a *A Luz da Estrela Morta* e rememora relações pessoais estabelecidas com intelectuais como Afonso d'Escagnole Taunay.

O diário, portanto, ultrapassa a dimensão estritamente autobiográfica. Ao registrar encontros, avaliações críticas, relações institucionais e acontecimentos relacionados à vida literária, Montello constrói também uma narrativa sobre sua própria posição no campo intelectual brasileiro.

Os resultados indicam, assim, que a trajetória do escritor deve ser compreendida a partir da articulação entre produção literária, circulação, crítica, instituições e reconhecimento. Essa leitura permite deslocar o olhar de uma abordagem centrada exclusivamente nas obras para uma compreensão mais ampla dos mecanismos que contribuíram para sua legitimação no sistema literário brasileiro.

4 CONCLUSÃO

A análise de *Diário da Manhã* permite compreender aspectos importantes da trajetória de Josué Montello no sistema literário brasileiro do século XX. Os registros evidenciam

um escritor consciente de seu ofício, de sua produção e da necessidade de estabelecer relações com instituições, críticos, escritores e leitores.

A partir da perspectiva de Antonio Candido, observa-se que a trajetória de Montello não pode ser explicada exclusivamente pela quantidade ou pela diversidade de sua produção literária. Sua inserção no sistema literário esteve associada também aos mecanismos de transmissão, circulação e legitimação de sua obra.²

A participação na Academia Brasileira de Letras, a atuação em instituições culturais, a presença constante na imprensa e as relações estabelecidas com importantes intelectuais constituíram elementos fundamentais para sua projeção no cenário cultural brasileiro. O diário revela, ainda, que o próprio escritor tinha consciência da importância dessas relações para a construção de sua trajetória e para a permanência de sua produção.

Entretanto, identifica-se um aparente descompasso entre a expressiva consagração institucional alcançada por Montello durante sua vida e sua relativa discrição na circulação literária contemporânea. O escritor, membro da Academia Brasileira de Letras, autor de extensa produção e ocupante de importantes cargos no campo cultural brasileiro, não possui atualmente a mesma visibilidade de outros autores de sua geração.

Esse contraste constitui uma questão relevante para os estudos da literatura brasileira, uma vez que permite investigar de que maneira os mecanismos de legitimação institucional se relacionam, ao longo do tempo, com a permanência efetiva de uma obra no repertório de leitores e pesquisadores.

Conclui-se, portanto, que *Diário da Manhã* constitui importante fonte documental para a compreensão das relações entre autoria, instituições culturais, crítica e circulação literária no Brasil do século XX. A análise aqui desenvolvida aponta para a necessidade de novas pesquisas que investiguem as razões pelas quais a expressiva consagração institucional de Josué Montello não se traduziu em uma presença igualmente expressiva na literatura brasileira contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE

Josué Montello; literatura brasileira; Diário da Manhã; sistema literário; instituições culturais.

REFERÊNCIAS

1. Academia Brasileira de Letras. Josué Montello [Internet]. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; [s.d.] [citado 2026 maio 7]. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/josue-montello>.
2. Candido A. Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; 2000.
3. Montello J. Diário da Manhã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1984.
4. Bosi A. História concisa da literatura brasileira. 43. ed. São Paulo: Cultrix; 2006.